



Afinidades revolucionárias: nossas estrelas vermelhas e negras. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários

São Paulo: Editora Unesp, 2016.
196 p.
Michael Löwy e Olivier Besancenot

Demetrio Quiros Bello Junior¹

Marxistas e libertários podem – e devem – caminhar juntos nas lutas emancipatórias da humanidade no século XXI e oferecer alternativas na construção de uma sociedade livre, justa e igualitária. Essa é a proposta de Michael Löwy e Olivier Besancenot² em *Afinidades revolucionárias*: nossas estrelas vermelhas e negras. *Por uma solidariedade entre marxistas e libertários*, tradução de João Alexandre Peschanski e Nair Fonseca, lançado em 2016 pela Editora Unesp.

A despeito das várias páginas escritas sobre as divergências históricas entre marxistas e anarquistas, Löwy e Besancenot vão pelo caminho inverso. Num livro escrito – conforme menção dos autores – sob o signo da I Internacional, cujo 150º aniversário de fundação celebrou-se em 2014, tem como objetivo mostrar outro ângulo da história, muitas vezes esquecido, das alianças e solidariedades entre marxistas e libertários. Os autores perscrutam as possibilidades de atuação conjunta desses dois campos de longa tradição revolucionária, portadores de fontes de radicalidades imprescindíveis na luta anticapitalista do século XXI.

A evocação de Löwy e Besancenot à I Internacional tem o intuito de mostrar a longa história de afinidades entre marxistas e libertários, vista também na Comuna de Paris (1871), evento revolucionário contemporâneo ao seu acontecimento. Sem esquecer as históricas divergências que opuseram os dois lados, os autores colocam em destaque o caráter múltiplo, internacionalista, de-

mocrático que caracterizou a realização da I Internacional, no qual diferentes opções políticas puderam convergir em alguns elementos da teoria e da ação, dando ensejo a uma atuação de vanguarda na Comuna de Paris, vista por Löwy e Besancenot como “a primeira grande revolução proletária moderna”.³

Através da leitura que fazem de algumas das análises de Marx e Bakunin sobre a Comuna de Paris, Löwy e Besancenot mostram o quanto podem ser complexas as relações entre o pensamento marxista e libertário. Bakunin, em seu ensaio “A Comuna de Paris e a noção de Estado”, entende que dada a dramática situação dos socialistas, em número reduzido, não tiveram outra opção a não ser a formação de um governo e de um exército revolucionário para enfrentar o Estado francês; Marx, no primeiro ensaio de redação de *A Guerra Civil na França*, destaca como a Comuna foi uma revolução contra o próprio Estado. Ao trançar pontos de vista de personagens tão antagônicos, verifica-se que as divergências entre marxistas e libertários não são tão evidentes quanto parecem.⁴

Em algumas revoluções e movimentos sociais do século XX, a bandeira vermelha e a negra também atuaram de forma conjunta, tais como no sindicalismo revolucionário da Confederação Geral do Trabalho francesa, na greve de Chicago que originou o 1º de maio, na Revolução Russa, na Revolução Espanhola, no Maio de 68 na França e no movimento zapatista no México. Por sinal, essa aliança se deu também no Brasil, no episódio do conflito da Praça da Sé em 1934 entre a Frente Única Antifascista (FUA – composta por socialistas, comunistas do PCB, trotskistas, anarquistas, sindicalistas e antifascistas) e os integralistas (grupo de caráter fascista) de Plínio Salgado, no qual esses últimos saíram derrotados, relatado no “Prefácio à edição brasileira” da obra. Os autores inclusive sugerem que essas convergências entre marxistas e libertários no movimento operário brasileiro sejam objeto de futuras pesquisas historiográficas.

Em alguns desses exemplos históricos que marcaram pontos em comum entre libertários e marxistas, Löwy e Besancenot procuram dar especial atenção para a atuação de lideranças políticas, militantes e intelectuais que trafegaram entre os dois polos ou que partilhavam de alguns dos pressupostos de ambas as correntes políticas. Somos apresentados às trajetórias de August Spies, Albert Parsons, Adolph Fischer e George Engel, mártires de Chicago na greve pela jornada de 8 horas em 1886, que durante suas vidas passaram do “socialismo eleitoral” para o anarquismo, exceção feita a Fischer.⁵ Os autores resgatam também as histórias dos líderes sindicalistas franceses do início do século XX, Pierre Monatte e Alfred Rosmer e de dois dos líderes da Revolução Espanhola de 1936-37, Buenaventura Durruti e Andreu Nin. Trabalhando com a imagem dos “binômios” – Monatte/Rosmer e Durruti/Nin – Löwy e

Besancenot chamam a atenção para uma geração de revolucionários que assinalavam a proximidade entre as duas concepções, “para além do jogo das etiquetas”.⁶

Alguns intelectuais e revolucionários também expressaram aproximações entre o pensamento libertário e marxista, tais como Louise Michel, Benjamin Péret⁷, Emma Goldman, Rosa Luxemburgo, o já mencionado Buenaventura Durruti e o subcomandante Marcos. Mesmo sendo contrária a vários preceitos anarquistas, Rosa defendia algumas concepções que de certa forma convergiam com a cultura libertária, tais como sua confiança na espontaneidade das massas, o antinacionalismo, a crítica do autoritarismo burocrático no movimento operário e a defesa intransigente das liberdades individuais e coletivas. Emma Goldman, anarquista judia, presenciou *in loco* os primeiros anos da Revolução Russa, desiludindo-se com os rumos tomados pela revolução. Para Löwy e Besancenot, sua saída da URSS em 1921 é uma demonstração emblemática do fim da colaboração entre comunistas e anarquistas na Revolução de Outubro.⁸ Na visão dos autores, a Revolução Russa é o ponto em que se situam historicamente as maiores divergências e atritos entre marxistas e libertários, dedicando o capítulo “Convergências e conflitos” para esse debate.

Se num primeiro momento a Revolução Russa é fruto também da convergência entre marxistas e libertários, não tardam as divergências sobre sua continuidade. A discórdia se inicia com o problema da relação entre os partidos e o processo revolucionário, a crescente burocratização das instituições que se consolidou posteriormente com o stalinismo e vai atingir seu ápice em dois acontecimentos trágicos que cindem profundamente as duas famílias revolucionárias: a repressão à insurreição camponesa liderada por Nestor Makhno entre 1918 e 1921 na Ucrânia – a makhnovchtchina – e o massacre da revolta dos marinheiros de Kronstadt em 1921.

Ao retomar o episódio dos marinheiros de Kronstadt, Löwy e Besancenot apresentam as versões que são elaboradas pelos dois campos em litígio, assim como as interpretações do revolucionário dissidente Victor Sergee do historiador Paul Avrich. Tanto Serge quanto Avrich simpatizam com os ideais do soviete de Kronstadt e reconhecem a tragédia do conflito, ao mesmo tempo em que concedem justificativas para a repressão desencadeada pelos bolcheviques sob o risco de uma suposta contrarrevolução que poderia ser desencadeada a partir de influências externas ao movimento. Ao elaborar sua interpretação sobre o massacre de Kronstadt, os autores o caracterizam como “um enfrentamento trágico e fratricida entre duas correntes revolucionárias”, bem como “um erro e um engano” por parte dos bolcheviques.⁹ Das duras críticas que fazem à abordagem adotada pelos dirigentes revolucionários, também não escapa Trótski, que teria classificado o massacre de Kronstadt

como “uma trágica necessidade”. Tal episódio é observado com aflição pelos autores, por meio de uma autocrítica reconhecida por eles como necessária, visto que participaram de grupos políticos inspirados pelo seu pensamento e ação.¹⁰ Portanto, voltar a essas feridas abertas no passado é primordial para atar convergências.¹¹

Em *Afinidades Revolucionárias*, os autores procuram mostrar como em determinados momentos do movimento social e revolucionário as bandeiras dos marxistas e libertários atuaram juntas. Também discorrem sobre a possibilidade de estabelecer pontes para uma atuação que vise a uma transformação radical da sociedade, livre do jugo estatista e do capital. Declaradamente filiados – por suas trajetórias e formação – à tradição marxista, entendem que o marxismo desse início de século tem muito a aprender com os ideais e a cultura libertária, propondo nesse sentido um *marxismo libertário*¹², visto não como um *corpus* teórico definido ou uma doutrina, mas sim como um encaminhamento político e intelectual, uma afinidade.¹³ E retomando uma premissa que está presente em toda a obra, rememoram pensadores alinhados com essa formulação: Walter Benjamin, André Breton e Daniel Guérin.

Na visão de Löwy e Besancenot, as ideias formuladas por esses pensadores representam um ponto de encontro entre as concepções marxistas e libertárias. Isso pode ser expresso na tentativa de uma síntese do marxismo libertário presente no trabalho do escritor, historiador e militante francês Daniel Guérin, ou no surrealismo do escritor e poeta André Breton, assim como na obra do filósofo alemão Walter Benjamin. Esse último, na opinião dos autores, em seu ensaio sobre o surrealismo de 1929¹⁴, escreve um dos textos mais importantes do marxismo libertário.

Essa história de convergências e solidariedades não fica somente no passado, nem se restringe apenas ao plano teórico. Löwy e Besancenot identificam em movimentos sociais recentes novas formas de resistência ao capitalismo em sua fase mais recente – o neoliberalismo – como é o caso do movimento altermundialista, caracterizado como uma grande rede múltipla e descentralizada de movimentos, associando sindicatos, movimentos camponeses, organizações indígenas, de mulheres, ONG's, movimentos ecológicos, intelectuais e jovens ativistas. Alguns exemplos dessa atuação podem ser vistos nas manifestações de Seattle em 1999 contra o novo ciclo de negociações da Organização Mundial do Comércio (OMC), no Fórum Social Mundial realizado pela primeira vez em 2001 na cidade de Porto Alegre – como alternativa ao Fórum Econômico Mundial (realizado em Davos, Suíça) que concentra a nata dos banqueiros, políticos e capitalistas – que tem como lema “um outro mundo é possível”. Na esteira do altermundialismo e na crítica à grande crise do capitalismo que teve início em 2008, participam dessa luta

os protestos dos Indignados na Europa e o Occupy Wall Street nos Estados Unidos, tendo como uma de suas principais práticas as ocupações das praças e espaços públicos, tais como em Atenas, Nova York, Madri e Istambul. Esses dois ciclos de luta interligam questões sociais e democráticas. Razões mais do que suficientes para libertários e marxistas estarem lado a lado.¹⁵

Um último exemplo mencionado por Löwy e Besancenot diz respeito ao cenário brasileiro no caso do Movimento Passe Livre (MPL) e das jornadas de junho de 2013. Organizados numa rede federativa horizontalizada, com coletivos locais autônomos, esses movimentos são vistos com grande potencialidade pelos autores. Essa conexão entre os movimentos Occupy, dos Indignados, os protestos na Grécia e Turquia e as manifestações de 2013 no Brasil é percebida também por Slavoj Žižek que argumenta sobre duas questões que os unem: a questão econômica, que pode ser de maior ou menor radicalidade, e outra de cunho político-ideológico, que demanda por mais democracia nas relações sociais e políticas.¹⁶ Todos esses protestos e manifestações trazem em seu cerne a contestação às formas assumidas pelo capitalismo global na atualidade. As jornadas de junho de 2013 no Brasil colocaram diferentes agendas de reivindicação e foram objeto de enfrentamento político de diferentes grupos, assim como da tentativa de imposição de sua narrativa pelos grandes meios de comunicações brasileiros. Esse processo e o que decorreu posteriormente ainda são muito recentes e devem ser frutos de maiores análises.¹⁷

E é justamente pensando na atualidade das lutas contemporâneas contra o capitalismo que Löwy e Besancenot esboçam propostas para algumas questões políticas como: as relações indivíduo/coletivo, a revolução e a tomada do poder, autonomia e federalismo, planificação democrática e autogestão, democracia direta e democracia representativa, sindicato e partido e o ecossocialismo.

Os autores nos oferecem uma instigante discussão acerca das relações entre indivíduo e coletivo para um projeto de emancipação humana. Ao mesmo tempo em que é necessário “coletivizar” as ideias anarquistas, é igualmente importante “reindividualizar” a teoria e prática comunista, que, ao subjugar a singularidade, caminha na trilha do totalitarismo. Para Löwy e Besancenot, dadas as condições de sociabilidade verificadas no atual estágio da globalização capitalista, é fundamental reintegrar a questão individual para a construção de uma alternativa libertária, envolvendo uma dupla tarefa: i) assimilar a questão das opressões (étnicas e de gênero, por exemplo) e da garantia das liberdades individuais; ii) mudar as práticas militantes, que devem dar lugar central a um individualismo compartilhado. Nesse último item, ao tomar como exemplo a mobilização do movimento dos Indignados na Europa, sugerem uma participação estritamente individual dos militantes, que devem agir em seu nome, e não somente por intermédio de hierarquias e estruturas

burocráticas de sindicatos ou partidos.¹⁸

As questões sobre o poder e as formas de democracia recebem também grande atenção dos autores. Ao iniciar sua argumentação no subcapítulo “Fazer a revolução sem tomar o poder?”, efetuam uma crítica às proposições do cientista político irlandês John Holloway, radicado no México, e cujo livro *Mudar o mundo sem tomar o poder: o significado da revolução hoje*¹⁹, publicado em 2002, é influenciado pelo movimento zapatista de Chiapas. A principal objeção de Löwy e Besancenot às teses de Holloway consiste justamente na sua concepção “extremamente abstrata” sobre o poder e na ausência do conceito de democracia expressa na obra.²⁰ A argumentação dos autores incide sobre a centralidade da democracia em relação a qualquer tomada de decisão política ou social, o que implica uma forma de poder de uma maioria sobre uma minoria, mas que não se manifesta como um poder absoluto.

Na argumentação dos autores, a alternativa é recolocar a política na sua dimensão humana, local e cotidianamente, submetendo todas as instâncias da vida social às decisões democráticas, inclusive no plano das relações de produção e nas questões ecológicas. Contudo, essa forma não deve limitar-se apenas à democracia direta das assembleias, visto que algumas formas de delegação ou de representação são inevitáveis. Por isso, Löwy e Besancenot advoam por uma combinação entre a democracia direta e a representativa, uma vez que nenhuma das duas isoladamente poderia contemplar as necessidades de uma efetiva participação popular.²¹ Em *A difícil democracia: reinventar as esquerdas*, lançado em 2016 no Brasil, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos também realiza uma reflexão acerca das formas da democracia no século XXI. Entre outras afirmações, para Boaventura Santos, é igualmente necessário procurar novas articulações entre as formas de democracia (representativa, participativa e comunitária). Trata-se de radicalizar a democracia, o que significa consequentemente intensificar sua tensão com o capitalismo.²²

Numa obra que também aponta para o futuro, Löwy e Besancenot pretendem iniciar um “canteiro de obras”, um espaço para convergências teóricas e práticas entre marxistas e libertários.²³ Como reconhecido pelos próprios autores, alguns assuntos relevantes não foram abordados, tais como a importância da pedagogia libertária para uma reflexão revolucionária da educação e o combate recente aos movimentos de extrema-direita na Europa.

Além de todo conhecimento dos processos revolucionários e militantes que estabeleceram pontes entre marxistas e libertários até o período recente, *Afinidades Revolucionárias* deve ser vista também como obra de intervenção no debate sobre os rumos da esquerda e do movimento social nesse início de século XXI e de esperança num futuro anticapitalista, construído também pelas convergências na ação e pensamento das bandeiras vermelha e negra.

NOTAS

1. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Contato do autor: demetrio85@gmail.com.
2. Michael Löwy, sociólogo brasileiro radicado na França, é diretor emérito do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) em Paris e pesquisador da história do marxismo na América Latina, com vários textos publicados no Brasil. Olivier Besancenot, carteiro de ofício, é dirigente político do Novo Partido Anticapitalista (NPA) na França.
3. BESANCENOT, Olivier; LÖWY, Michael. *Afinidades revolucionárias: nossas estrelas vermelhas e negras*. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários. São Paulo: Editora Unesp, 2016, p.21.
4. Ibidem, p. 19-20.
5. Idem, p. 24-25.
6. Idem, ibidem, p. 64-88.
7. Os textos sobre Louise Michel e Benjamin Péret são a única parte do livro que não é elaborada conjuntamente. Louise Michel é retratada na carta escrita por Besancenot em sua homenagem, e Péret é apresentado num pequeno texto biográfico de Löwy.
8. LÖWY e BESANCENOT, *Op. cit.*, p. 78.
9. Ibidem, p. 116-119.
10. Entre o fim da década de 1950 e início da de 1960, Löwy militou na Liga Socialista Independente (LSI) e na Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (Polop), organizações influenciadas também pelo pensamento de Rosa Luxemburgo. Antes de migrar para o NPA, Besancenot foi líder da Liga Comunista Revolucionária (LCR) pela qual se candidatou à presidência da França em 2002 e 2007.
11. LÖWY e BESANCENOT, *Op. cit.*, p. 121-122.
12. Sobre a trajetória intelectual de Michael Löwy e o seu marxismo libertário, ver: QUERIDO, Fábio Mascaro. *Michael Löwy: marxismo e crítica da modernidade*. São Paulo: Boitempo/Fapesp, 2016, p.49-71;179-189.
13. LÖWY e BESANCENOT, *Op. cit.*, p.188. A questão de uma abordagem crítica do marxismo, livre de qualquer dogma, considerando as contribuições de muitos de seus intérpretes no século XX e um fecundo diálogo a ser estabelecido com outros campos do pensamento de esquerda e com autores não identificados com o marxismo tais como Max Weber, Karl Mannheim, George Simmel, Marcel Mauss, Sigmund Freud, Jean Piaget, Fernand Braudel, só para ficar em alguns exemplos, pode ser observada também num artigo de Löwy na década de 1990. Ver: LÖWY, Michael. “Por um marxismo crítico”. *Lutas sociais*. São Paulo, n.3, 1997, p.21-30.
14. Os autores estão se referindo ao ensaio “O surrealismo: o último instantâneo da

inteligência europeia”, texto presente em BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

15. LÖWY e BESANCENOT, *Op. cit.*, p. 50-57; LÖWY, Michael. Negatividade e utopia do movimento altermundialista. *Lutas sociais*. São Paulo, n.19/20, 2008, p. 32-38. Sobre o Occupy Wall Street e os movimentos de protesto na Europa e Oriente Médio em 2011, ver: HARVEY, David [et al.]. *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2012.

16. ZIZEK, Slavoj. “Problemas no paraíso”. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2013/07/05/problemas-no-paraiso-artigo-de-slavoj-zizek-sobre-as-manifestacoes-que-tomaram-as-ruas-do-brasil/>>. Acesso em: 3 jun. 2017.

17. Para uma análise sobre o caráter múltiplo das manifestações de 2013 no Brasil e do Movimento Passe Livre, ver a coletânea de artigos (escritos no “calor da hora” dos acontecimentos) organizada pela Boitempo Editorial – em parceria com o portal Carta Maior e a Fundação Rosa Luxemburgo – em: ARANTES, Paulo Eduardo; SCHWARZ, Roberto [et al.]. *Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2013. O blog da Boitempo também disponibiliza outros textos sobre o mesmo tema que foram escritos posteriormente e não estão no livro.

18. LÖWY e BESANCENOT, *Op. cit.*, p. 151-154.

19. HOLLOWAY, John. *Mudar o mundo sem tomar o poder: o significado da revolução hoje*. São Paulo: Boitempo, 2003.

20. LÖWY e BESANCENOT, *Op. cit.*, p. 157.

21. *Ibidem*, p. 173.

22. SANTOS, Boaventura de Sousa. *A difícil democracia: reinventar as esquerdas*. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 126-149.

23. LÖWY e BESANCENOT, *Op. cit.*, p. 187.